

Flávio Rangel

Sarney

O delírio fiscalizatório

É preciso tomar todo cuidado com o discurso que o presidente Sarney fará à nação, em cadeia nacional de rádio e televisão, entre os dias 12 e 15 de abril.

Ele tem todos os motivos para estar pessoalmente chateado; teve grande prejuízo na agricultura, pois "a falta de chuvas fez com que perdesse todo o arroz plantado em 100 hectares em seu sítio de São José do Pericumã, com um prejuízo de Cz\$ 200 mil". É claro que foi imediatamente confortado pelo prefeito do local, que o recebeu na própria casa e lhe deu café com leite, bolinho de chocolate e pão de queijo; mas nunca se sabe se isso é consolo suficiente.

De resto, o presidente tem motivos para ficar alegre; sua popularidade atinge as alturas do cometa Halley, e até seu bigodinho, que ameaçou se transformar na grande questão estética de 1985, digna de um ensaio de Gottfried Lessing, está agradando e se transformando em objeto de consumo. O estilista Lamberto Correia de Araújo, por

exemplo, segundo informa a jornalista Iesa Rodrigues, criou "um novo bebê de pano, com bigode e faixa verde-amarela no peito — um Sarneyzinho (por Cz\$ 315)". Vejam vocês. Se o presidente exigir 10% de direitos autorais pela utilização de sua imagem, e vendendo 6.340 bebezinhos, conseguirá se ressarcir dos prejuízos agrícolas e o Ministério da Irrigação poderá se dedicar exclusivamente à redenção do Nordeste.

Mas é pouco provável que o presidente convoque a população a plantar arroz, o que, de todo modo, será mais interessante do que ouvi-lo nos mandar plantar batatas. Parece que "fará uma avaliação do desempenho da economia, um mês após o início do Programa de Inflação Zero, e anunciará a adoção de medidas no campo social, como a execução efetiva da reforma agrária e a instituição de nova política habitacional". Puxa vida, boas falas. Desse jeito, o presidente ainda acaba grande estadista, coisa de que andamos muito precisadinhos. Diz aqui o JB que ele tam-

bém "pretende, a médio prazo, reduzir os preços da gasolina se a cotação do petróleo continuar em baixa no mercado internacional." Como é possível que o petróleo caia a 5 dólares o Brasil, isto é, o barril — custando menos que um quilo de café — deve vir baixa. É verdade que o presidente da Petrobrás já disse que isso não dá, e que o ministro das Minas e Energia disse que só dá, se der, a longo prazo. Vão ter que explicar isso direitinho. Nos Estados Unidos, o preço já baixou — e não era aqui que se dizia que o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil?

Mas nosso temor quanto ao próximo discurso em rede nacional é de ordem psicológica. O presidente parece estar tomado de delírio fiscalizatório. O delírio ambulatório, como se sabe, é sintoma de esquizofrenia; o delírio fiscalizatório será o quê? Outro dia o presidente se anunciou num congresso de Medicina e convocou o pessoal a se transformar em fiscais de saúde; já falou que nos deseja também como fiscais da educação e do

trabalho. Muito bem; mas a que horas iremos à praia?

Já temos tanta coisa que fiscalizar. Os bons costumes, a elegância e a autonomia universitária, por exemplo. Temos que fiscalizar o ministro Paulo Brossard e a insana perseguição que move ao reitor Horacio Macedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Outro dia vimos o diretor na televisão, defendendo com firmeza e dignidade seus pontos de vista nessa velha questão de que a vida universitária se baseia na premissa de que a curiosidade intelectual é a base de qualquer cultura humanista. O ministro quer prender o reitor — e este lembrou a todos Miguel de Unamuno defendendo a autonomia da Universidade de Salamanca diante do general franquista Milari Astray. Se o ministro deixasse em paz a vida inteligente do país, poderíamos fiscalizar os preços dos supermercados e ficar por isso mesmo.

O governo que faça sua parte e deixe que nós fazemos a nossa.